

100 anos do Modernismo brasileiro – balanços e perspectivas

Leandro Garcia Rodrigues¹

Resumo: Ao concluirmos o ano de 2022, inúmeros balanços e avaliações foram realizados acerca do centenário da nossa Semana de 22 – a Semana de Arte Moderna. Muito se discutiu a respeito deste evento cultural há muito canonizado pela historiografia da literatura brasileira. Centenas de eventos e publicações foram organizados em diferentes instituições brasileiras, todas com o intuito de avaliar criticamente este evento ocorrido há 100 anos, especialmente no sentido de entender e problematizar o legado modernista na cultura brasileira. Este artigo – misto de depoimento pessoal – quer contribuir com este debate.

Palavras-chave: Modernismo. Centenário. Semana de 22; Cultura. Memória.

INTRODUÇÃO

Todo ano jubilar propõe uma série de indagações e (re)avaliações acerca do fato comemorado. No caso do ano de 2022, tivemos uma série de efemérides que chamaram a nossa atenção e que merecem a nossa lembrança: o bicentenário da nossa Independência política e os centenários de fundação do Partido Comunista Brasileiro e do Centro Dom Vital², do Movimento Tenentista e, o que particularmente gostaria de analisar neste artigo/depoimento: a Semana de Arte Moderna, também lembrada como Semana de 22³.

Neste sentido, iniciamos 2022 com o sério propósito de reavaliar o chamado “Legado de 22”; isto é, o diálogo – quase sempre tenso – entre a primeira proposta modernista com o que foi feito posteriormente à Semana, chegando criticamente até os dias atuais.

1 Doutor e Pós-doutor em Estudos Literários pela PUC-Rio e Pós-doutor em Teologia pela FAJE-BH. Professor Adjunto III de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Epistolografia (estudos sobre cartas/correspondências) e na obra/pensamento de Alceu Amoroso Lima. Contato: prof.leandrogarcia@hotmail.com

2 Fundado, em 1922, por Jackson de Figueiredo e pelo então bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, o Centro Dom Vital tinha o objetivo principal de arregimentar a intelectualidade católica da época e a outra parcela da nossa intelectualidade não (tão) católica, mas que dialogava com aquela. Ainda que não muito divulgada, a produção intelectual católica dos anos 20 do século passado revelou alguns pensadores de grande envergadura, como é o caso do próprio Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto, Jônatas Serrano, Perilo Gomes, Hamilton Nogueira, Alcebíades Delamare, dentre tantos outros. Faziam-se presentes, igualmente, os sempre cultuados literatos católicos estrangeiros, tais como Georges Bernanos, G. K. Chesterton, Paul Claudel, León Bloy, Jacques Maritain, Charles Péguy, Clarisse Bader, J. R. R. Tolkien, Flannery O’Connor, dentre tantos outros, que chegavam ao Brasil via publicações, imprensa, correspondência e outras formas de intercâmbio próprios da época.

3 Aquando da sua ocorrência, a imprensa a chamou apenas de “Semana Futurista”. Vale lembrar que a Semana teve repercussão apenas no universo da imprensa paulista, passando praticamente despercebida no resto do território do país. Para um maior aprofundamento, Cf. RODRIGUES, Leandro Garcia. A semana que o rio ignorou: outros modernismos. In *Revista do Centro de Pesquisa e Formação - SESC* / nº 14, p. 99-11, 2022. Ver ainda RODRIGUES, Leandro Garcia. A semana de 22 e a imprensa carioca: impasses, silêncios e incompreensões. In *E-scrita*. Revista do curso de Letras da UNIABEU, v. 3, nº. 3B, p. 131-138, 2012.

Eventos acadêmicos e culturais, feiras literárias, publicações, exposições e os mais diferentes debates tiveram lugar em diferentes partes do Brasil. Tais iniciativas nos levaram a algumas conclusões que considero sintomáticas, as quais procuro compartilhar aqui.

1 MODERNISMOS E NÃO MODERNISMO

Ficou óbvio que tivemos as mais diferentes experiências de modernidade, o que nos obriga a falar de “modernismos” sempre no plural, procurando evitar ao máximo o singular. De norte a sul do Brasil houve experiências de modernidade cultural, algumas muito efusivas, outras mais tímidas; algumas propostas bem definidas e pensadas, outras sem um programa mais regular. Todavia, a necessidade de renovar e modernizar a cultura brasileira foi sentida nos mais distantes rincões, contribuindo para aquilo que Mário de Andrade tanto desejou e defendeu: “inserir o Brasil no concerto geral das nações”⁴.

1.1 O QUESTIONAMENTO DO PROJETO HEGEMÔNICO PAULISTA

Outra questão muito discutida, criticada e problematizada foi a unicidade do chamado “modernismo heroico”, isto é, a proposta paulista centralizada na Semana de 22, ocorrida em São Paulo. Ao longo das décadas, a historiografia literária brasileira – especialmente aquela pensada e produzida por intelectuais e professores oriundos de uma tradição saída da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – foi a principal e a que mais circulou e se canonicizou. Tal fato contribuiu para a centralidade de um discurso paulista de defesa do modernismo literário produzido na capital e em outras cidades do estado de São Paulo. Desta forma, autores, grupos, publicações, iniciativas e organizações do universo da pauliceia tiveram um destaque que se consolidou na crítica e na historiografia literária, principalmente nos livros didáticos, o que fomentou a noção – equivocada – de que o modernismo paulista foi o mais importante e criticamente consolidado da literatura brasileira.

1.2 HOUVE UM MODERNISMO CONSERVADOR

Dentre os tantos bons revisionismos que fizemos ao longo deste ano, um que achei bem interessante – e de cujos debates e análises muito participei – foi a problematização acerca da existência de um modernismo conservador, politicamente à direita e em diálogo muito próximo da religiosidade católica. Tal proposta se deu especialmente nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, com especial destaque para este último. Houve autores, publicações e iniciativas que expressaram esteticamente o legado religioso do catolicismo, com forte destaque para a produção poética. Impossível ignorar, neste mister, o papel fundamental exercido

4 Pessoalmente, uma das melhores revelações me foi feita a respeito da existência de um “modernismo amazônico”, particularmente aquele ocorrido nos meios literários de Belém do Pará, ao longo das décadas de 20 e 30 do século passado; o que enriquece sobremaneira a nossa tradição modernista em terras brasileiras.

pelo Centro Dom Vital e por seu órgão oficial de divulgação, a revista *A Ordem*⁵, cujos papéis foram devidamente lembrados e valorizados ao longo deste ano revisionista de 2022⁶.

1.3 NEM TODOS QUERIAM SER MODERNISTAS!

Uma publicação ocorrida exatamente em 1922 nos obriga a repensar uma ideia de unicidade da ideia modernista: o livro *Luz Mediterrânea*, do poeta Raul de Leoni, natural de Petrópolis, no interior fluminense⁷. Tal livro, inteiramente devotado a uma proposta neoclássica de poesia, recusou-se frontalmente a ser classificado criticamente como modernista. Seu autor, de formação intelectual e literária conservadora, vivia em pleno século 20 com o olhar e a pena voltados à Grécia e à Roma antigas, num claro movimento conservador e até reacionário às ideias modernistas de então. Tal fato pode exemplificar a diversidade expressiva e estética daquele momento, contribuindo para (re)pensarmos a noção – às vezes até inocente – de uma certa “vitória do modernismo” após a Semana de 22.

1.4 A ESCASSEZ DE CERTAS AUTORIAS

Um fato terrivelmente lembrado e questionado foi um certo “sequestro” – no sentido de ausência – das autorias negra, feminina e LGBTQIA+ na produção literária modernista. Isto é, praticamente não tivemos criação modernista dos grupos e representações minoritárias, o que empobreceu deveras a nossa modernidade cultural, comprometendo a sua representatividade e diversidade. Infelizmente, o conjunto das autorias modernistas ficou restrito ao universo branco, masculino e elitizado.

1.5 OUTROS REGIONALISMOS ANTES DE 30

Tradicionalmente, relegamos à década de 30 o advento da literatura regionalista brasileira, aquando da entrada em cena dos autores nordestinos, de forma particular aqueles ligados à produção literária em prosa, com especial destaque ao romance. Neste ano de 2022, organizei e publiquei a correspondência completa entre o crítico literário modernista

5 A revista *A Ordem*, fundada em 1921 por Jackson de Figueiredo, logo se tornou uma espécie de “diário oficial” do pensamento católico brasileiro da época; também foi espaço de divulgação de autores, livros e crítica literária. Neste sentido, o Centro Dom Vital e *A Ordem* são indissociáveis, ambos estavam a serviço de um mesmo ideal: divulgar o pensamento oficial da Igreja, atraindo a intelectualidade, o mundo literário, a burguesia e a classe dirigente do país. Assim, ambos se tornaram passagens obrigatórias do modernismo brasileiro, através da sua proposta carioca e lembro aqui dos principais nomes: Murilo Mendes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes, Octávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Penna, José Lins do Rego, Jorge Amado, Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Álvaro Lins, Lúcia Miguel-Pereira, Agripino Grieco, Otto Maria Carpeaux e tantos outros que hoje figuram no cânone modernista brasileiro – prosa, poesia e crítica.

6 Como já lembrado anteriormente, em 2022 também comemoramos o centenário de fundação do Centro Dom Vital, o que também possibilitou fazermos uma série de eventos e publicações a respeito desta efeméride e do seu simbolismo e significado para a história intelectual do Brasil.

7 Para um aprofundamento deste debate, Cf. RODRIGUES, Leandro Garcia. *Raul de Leoni – inéditos e dispersos*. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2022.

Alceu Amoroso Lima e o poeta alagoano Jorge de Lima⁸. Tal publicação foi importante pois nos obrigou – na melhor acepção desta ideia – a repensar o papel da poesia modernista do Nordeste brasileiro produzida na década de 20, tendo como referência a produção poética de Jorge de Lima. Esta poesia, bem híbrida em sua composição estética e motivacional, tem despertado uma série de reavaliações, especialmente sobre a noção de existência de um regionalismo poético já na década de 20 do século passado.

CONCLUSÃO

A história do modernismo brasileiro é assaz complexa, multifacetada e até contraditória em alguns dos seus aspectos constitutivos para ser enquadrada e compreendida apenas numa perspectiva heroica e, por isso mesmo, canônica. Fruto de diferentes processos de atualização e de modernização do nosso país e da nossa cultura, percebemos as inúmeras “rachaduras” que este movimento teve, o que, na minha opinião, só o enriquece. Tal fato demonstra que existiram diferentes projetos de modernidade convivendo num mesmo contexto histórico: uns à esquerda e outros à direita, alguns vanguardistas e outros mais conservadores, porém concomitantes. Uma investigação honesta, aberta e sem preconceitos ajuda justamente a revelar essas idiosincrasias, a desvendar as particularidades, avanços e até limitações deste mesmo movimento.

Tal conclusão foi suscitada nos mais diversos eventos, debates e publicações ocorridos ao longo de 2022 e outras que ainda estão por vir. Sim, porque ainda teremos novas abordagens oriundas de investigações em curso pelos mais diferentes pesquisadores do nosso país, especialmente aqueles ávidos por abordagens e análises que fujam um pouco do discurso engessado do cânone historiográfico da nossa literatura. Considero tal movimento deveras positivo, pois possibilita novos olhares mais flexíveis e horizontalizados a respeito da nossa tradição e da complexidade da sua composição expressiva.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES, Leandro Garcia. A semana que o rio ignorou: outros modernismos. In *Revista do Centro de Pesquisa e Formação - SESC* / nº 14, p. 99-11, 2022.

RODRIGUES, Leandro Garcia. A semana de 22 e a imprensa carioca: impasses, silêncios e incompreensões. In *E-escrita*. Revista do curso de Letras da UNIABEU, v. 3, nº 3B, p. 131-138, 2012.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Raul de Leoni – inéditos e dispersos*. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2022.

RODRIGUES, Leandro Garcia. *Jorge de Lima & Alceu Amoroso Lima – correspondência*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves/EdUNEAL, 2022.

8 Cf. RODRIGUES, Leandro Garcia. *Jorge de Lima & Alceu Amoroso Lima – correspondência*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves/EdUNEAL, 2022.